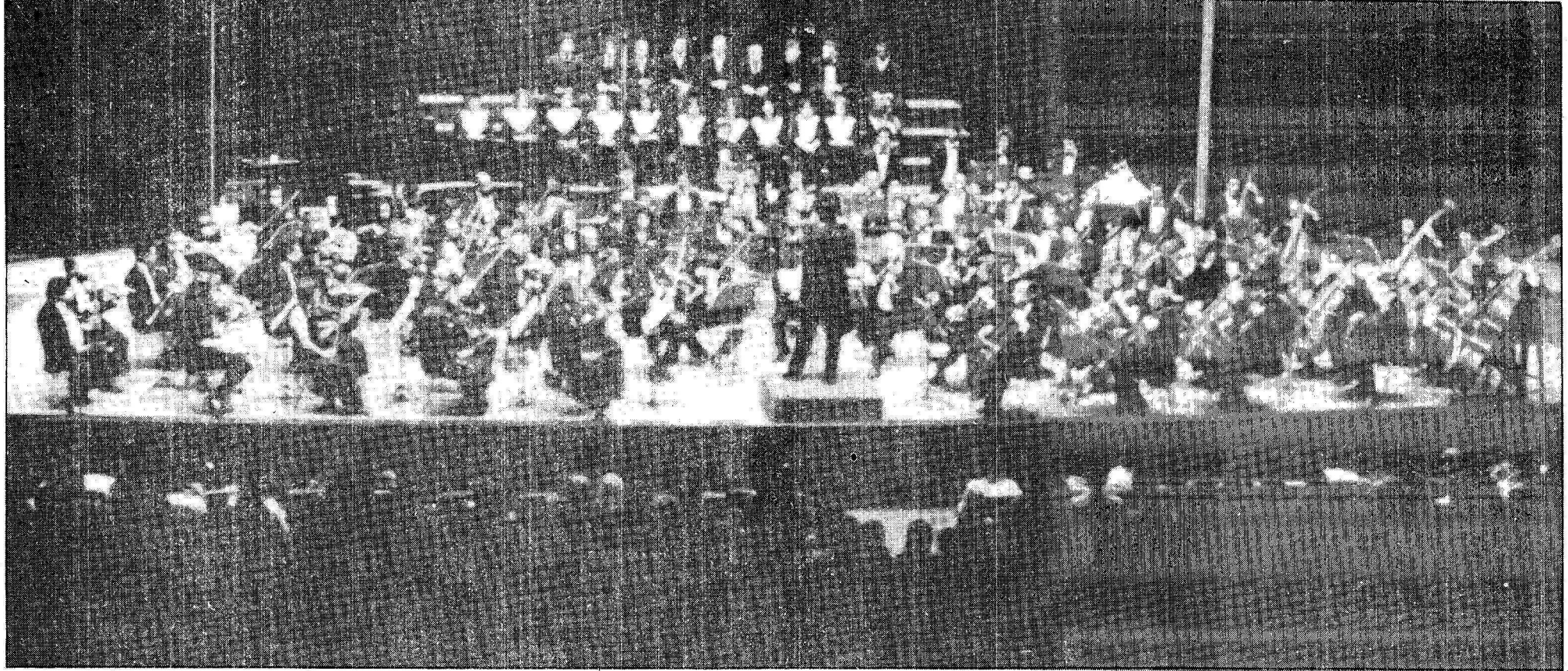


Brasília vira pólo exportador de música erudita

Orquestras convidadas para tocar fora e maestro premiado no exterior comprovam a boa forma dos músicos da cidade

FOTOS: ARQUIVO



A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro é um dos principais organismos da atualidade no Brasil e pode gravar disco com o grupo Homem de Bem

Ordas, batutas, arcos, teclas e fraques começam a mostrar fora de Brasília que na capital do Planalto não se faz só rock do melhor. A música erudita ganha, de um passo a cada vez, novas fronteiras, no Brasil e fora dele. O maestro Jorge Antunes foi recentemente premiado por uma peça de nome difícil — *Idiosyncronie* —, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro a tocar no Festival de Campos do Jordão e a Orquestra Camerata da Escola de Música de Brasília a possivelmente retornar, com o status de conjunto residente, ao Festival de Ouro Preto. Eventos como quinzena Mozart, promovido pelo ParkShopping, em comemoração ao bicentenário da morte do compositor, sinalizam para uma tendência auspiciosa. Brasília também faz música erudita, e da boa; o maestro Cláudio Santoro pôde confirmar.

A verdade ou a ilusão em torno das supostas tendências, assim como algumas das glórias e mazelas do ofício musical na cidade (e fora dela) são comentadas nas próximas linhas por dois artistas brasilienses: o regente e professor David Junker, de volta a Brasília após alguns anos de ausência, durante os quais preparou-se em universidades norte-americanas (ele é dono de um Mestrado em Regência Coral e de um PhD em Educação Musical), e que dirigiu recentemente, sob a atenção de um bom público, a *Missa da coroação* de Mozart; e Janete Dornellas, cantora formada pela Universidade de Brasília, onde estudou com Zuínglio Faustini, e assessora de Música na Fundação Cultural do DF. Janete participou há pouco tempo de um espetáculo bem cuidado, em que técnica erudita e expressividade popular se casaram, *Dolores de Amores*, somando-se a um elenco todo de mulheres que, além de tocar e cantar, representou os papéis correspondentes às várias faces do talento de Dolores Duran.

Águas Passadas — David Junker atribui a boa recepção obtida pela *"Missa da Coroação"* a certo carinho que a mídia — televisão, jornais, rádio — teria dedicado ao evento, promovendo-o eficientemente. Mas lembra que atividades como o da *"Missa"* — que reuniu grande coro e a orquestra de câmara para cumprir as exigências da partitura — não são novas e muito menos inéditas na cidade. O pioneirismo ou a originalidade marcando a *"Missa"* — além de um saudável sucesso de público — estaria no fato de, no Brasil, uma instituição como a UnB dar seu apoio à formação de um coro comunitário (organizado sobre uma base tomada ao Coral e ao Departamento de Música da Universidade) e à realização de um evento do gênero.

O próprio tempo, para Junker, estaria ajudando a sedimentar experiências. "Uma tradição cultural", diz ele, "começa a se formar". Rixas como as que dividiram, num passado ainda recente, artistas ligados à Universidade ou à Escola de Música — os dois pólos mais importantes, em Brasília, no âmbito da prática musical erudita, e talvez mesmo no da popular — parecem águas realmente passadas, acha David. A afirmação não soa gratuita se se verificar que, sem ampla, geral e irrestrita cooperação entre vários nomes e entidades, a *"Missa"* não se teria realizado.

David não vê motivo para rivalidades ou desentendimentos entre populares e eruditos, apesar de que trabalhem sob

códigos diversos. Ele cita o "jazz" e a bossa nova como exemplos em que o apuro e a força expressiva se somam para alcançar resultados importantes. Junker lembra ainda as operetas (peças leves, de caráter cômico, reunindo teatro e música), que se realizaram há alguns anos e a que se ligam decisivamente nomes do Departamento de Letras da UnB como Arthur Mesckell e Danilo Lôbo, como precedentes relevantes para que aquela tradição, ainda recente e frágil, se venha formando na cidade.

— O sonho de Janete Dornellas, segundo confessa, é o de ser uma cantora plenamente dedicada ao repertório lírico, nas suas peças clássicas ou contemporâneas. Formada pela UnB (o recital com que concluiu seu curso somava músicas do barroco italiano e canções contemporâneas inglesas), as peças operísticas frequentam seus objetivos de cantora capaz, no entanto, de visitar Mozart e Dolores Duran com o mesmo empenho.

Únicos — Sobre a questão da técnica adequada a cada campo, Janete declara, para começo de conversa, que a divisão em segmentos estanques soa insuficiente para que se discuta o assunto. Prefere falar em "personalidades vocais" ao definir artistas tão diferentes entre si como Gal Costa, Billie Holiday ou Maria Lúcia Godoy. "Talento e personalidade são fundamentais", constata, e é a partir deles que a técnica tomaria esta ou aquela direção. Janete recusa estereótipos, preferindo pensar que "os cantores são únicos", ainda que marcas genéricas como o amor à técnica, de um lado, ou a expressividade, de outro, possam chamar a atenção dos ouvintes.

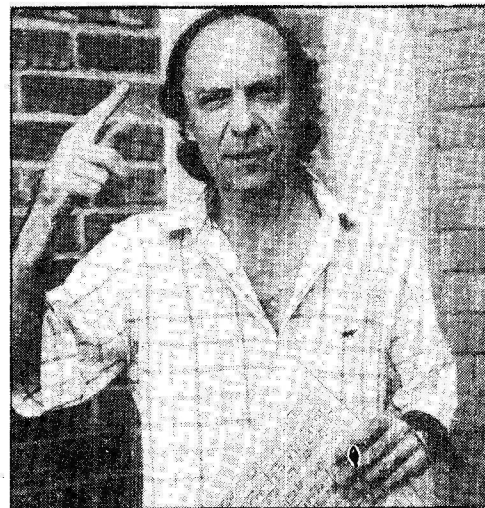
Quanto à difusão da música de concerto, ela diz que, afinal, "há uma orquestra sinfônica e vários grupos de câmara em atividade na cidade" (entre estes, o Quarteto de Brasília, composto há anos por músicos cuja competência paira acima de qualquer suspeita), participando da vida cultural de maneira mais intensa que a de algum tempo atrás.

Pílula — A diferença de David, que diagnosticara uma "consciência maior do público", Janete sublinha as carências, ainda existentes, do público consumidor (ou potencialmente consumidor) da música dita erudita. "Em Brasília, ainda é preciso dourar a pílula", diz com a experiência de quem foi por dois anos a divulgadora das atividades da OSTNCS, ou seja, o brasiliense ainda está excessivamente ligado a grandes nomes ou a peças muito conhecidas para se animar a

OS MÚSICOS



A Orquestra Camerata da EMB pode se tornar conjunto residente em Campos do Jordão



Jorge Antunes foi premiado na Europa e Janete Ornellas se destaca no canto lírico



sair de casa, comprar um ingresso e sentar-se para assistir a um espetáculo.

Seja como for, o trabalho de dois anos como divulgadora, "na raça", parece ter dado seus frutos: uma pesquisa que ela endereçou à plateia de determinada apresentação da Orquestra, em agosto de 1990, obteve conclusões (que a socióloga Sueli Couto Rosa ajudou a legitimar) como a de que o público presente gostara do desempenho da OSTNCS. Essas conclusões, que viriam ligadas aos dados pessoais dos que respondem à pesquisa, permitiram, em "feedback", uma eficácia maior na divulgação dos eventos.

De casa — No que se refere ao pacote de música no ParkShopping que homenageia Mozart nos 200 anos da morte do compositor, Janete tem dificuldades de distinguir o interesse genuíno do mero modismo, e não aposta cegamente em tendências claras ou irreversíveis. Ela interroga ainda o porquê de não se terem convidado profissionais locais para o evento, ao contrário do que se faz no Classic Park, outra promoção do mesmo Shopping, voltada para o "jazz" e a música popular brasileira instrumental, que tem contato predominantemente com músicos de Brasília.

A produção dos compositores da cidade não está ausente dos programas da OSTNCS, diz Janete. O maestro Jorge Antunes, que há pouco recebeu um prêmio polonês por sua peça *"Idiosyncronie"* e que, muito recentemente, reclamou, em entrevista, de que não se tocam suas músicas por aqui, não teria, para Janete Dornellas, grandes motivos para queixar-se. Segundo ela, uma obra da autoria de Antunes faz parte do roteiro que a sinfônica brasiliense deve cumprir até o final deste ano.